

A EVOLUÇÃO HUMANA DESPREZA A SOLIDÃO

JJLeandro¹

Hoje voei de Brasília para minha cidade. A volta para casa ansiada nos dois últimos dias. Dias em que eu, esposa e filha, em visita ao nosso filho, tentamos antecipar o retorno por causa do agravamento da crise do coronavírus. Brasília, nas estatísticas anunciadas na imprensa, é a terceira unidade da federação mais infectada. Situação grave a nos aumentar a vontade de voltar, deixando o filho coberto de recomendações de cuidado. Sair de casa só em caso extremo, a primeira delas.

Depois de muita negociação, conseguimos antecipar o voo, e hoje, domingo, à tarde, fomos para o aeroporto. Trajeto desolado de 20 km até o aeroporto, ruas desertas não por ser domingo, mas pelos cuidados do isolamento contra o coronavírus. No aeroporto, mais solidão. Quem conhece a agitação do aeroporto de Brasília ficaria chocado com tão pouca gente se não soubesse das restrições que afetam o mundo todo. Mas ainda assim é pungente ver aquela imensa estrutura agigantar-se mais pela pouca presença humana. Vi uns 50 passageiros no saguão, um grupo de homens pressurosos, estava na cara, para voltar também para casa. E era um grupo porque estavam juntos e pareciam metidos em uniforme, talvez de uma dessas grandes empresas de engenharia, que os despachava para o confinamento em casa. Máscaras em todos, como em nós. Passamos longe deles, evitando a proximidade que não incomoda em outros momentos, como sombras silenciosas. Agarrados aos celulares nem perceberam nosso distanciamento. Talvez digitassem na hora para a família ‘consegui a volta, chego breve!’, como nós.

E seguimos para o terminal de embarque. Nos corredores até lá, o eco de outros dias turbulentos em que por lá passei vibrava em meus ouvidos. Mas era apenas a memória

¹ JJ Leandro é pseudônimo de José Leandro Bezerra Júnior (Carolina, MA – 1960). Escritor, bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1983). Em 2002, ganhou o *Prêmio Cora Coralina*, do Instituto Goiano do Livro, para poetas inéditos com o livro *Quase Ave*. Em 2008, após pesquisa de dois anos, publicou o ensaio histórico *Babaçulândia*, sobre a pequena cidade tocantinense às margens do rio Tocantins. Ainda em 2008, voltou a vencer um concurso literário. Com o romance *A Morte no Bordado*, ganhou o prêmio de ficção do *Concurso Maximiano da Mata*, da Fundação Cultural do Tocantins. Em 2009, novamente venceu a Bolsa Maximiano explorando a memorialística com *Memórias de Petelico*, publicado em seguida. É membro da ACALANTO – Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense e membro correspondente da Academia Goianiense de Letras. E-mail: jjleandro60@hotmail.com

reclamando mais calor humano, naquele momento limitado ao da esposa e da filha. Até o portão de embarque ninguém mais à vista. Corredores e escadas rolantes, só isso, vazios. Lojas fechadas e a desolação da imensa estrutura realçada porque quem deveria fazê-la passar despercebida não estava ali para atrair nossa atenção. Haveria mesmo embarque?, cheguei a duvidar. Sonhava ou era tudo real? Talvez melhor que fosse um sonho, mas era real. Nas cadeiras ao lado do portão de embarque, outros nove ansiosos passageiros para o mesmo voo. Descemos escadas atrás de um funcionário da empresa aérea mascarado e com luvas. Embarcamos em um ônibus e fomos levados até o avião que nos esperava.

Embarcamos silenciosos. O clima não era cordial, cada um retinha suas dúvidas e apreensões atrás das máscaras. Da pista, enquanto o avião preparava-se para a partida, podia-se ver o imenso esqueleto de concreto vazio, como um aeroporto abandonado. E o que fazíamos ali? Fugíamos de uma ameaça. Não era uma viagem comum como tantas outras já acontecidas. Até a comunicação de bordo da comissária parecia arrastada, como se um cansaço lhe freasse o ímpeto das palavras. Não era cansaço, estava visto, era a consciência do doloroso momento.

12 pessoas, somente 12 num avião com capacidade para 72. O silêncio pesava sobre todos. Seria o silêncio uma eficiente arma contra o vírus? Não, era mais um inimigo contra o qual nos batíamos. A sensação que tive, comuniquei à filha e à esposa, era que estávamos num voo fantasma. Repito, o cenário era de sonho, ou, para ser mais próximo do real, de um filme de ficção. Sorumbáticas, as pessoas dentro do avião entregavam-se ao silêncio e à inércia. Um jovem, com a mãe e os avós, à repreensão materna por uma coisa à toa, rompeu o silêncio, sintetizando o espírito geral de solidão, não de abandono da família, mais grave ainda, de abandono da espécie: ‘eu estou triste, muito triste com isso tudo’. E foi deixado em paz porque sua tristeza era universal e a repreensão materna subitamente pareceu mesquinha.

Tocado pelas palavras do jovem, um alerta cruzou minha mente com a velocidade que a aeronave imprimia nas alturas: o ser humano não evoluiu por milhares de anos para viver solitário.

*Recebido em 25 de março de 2020
Aceito em 1º de maio de 2020*